

Entre a internet e a sala de aula: práticas de escrita na escola

Robson Fonseca Simões¹

*“Quando escrevo, repito o que já vivi antes.
E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente”
Guimarães Rosa*

Resumo

Neste artigo busco compreender as novas tendências linguísticas e seus registros desencadeados pela cultura digital, analisando os desdobramentos nas práticas de escrita produzidas no contexto escolar. Assim, traz para o debate os textos dos sujeitos do ensino técnico de nível médio no Instituto Federal do Rio de Janeiro, com vistas a problematizar o ensino formal da língua face às transformações tecnológicas do mundo contemporâneo. Numa arena linguística marcada por contradições, este estudo nos mostra a normatividade da língua e a linguagem viva do cotidiano, a linearidade da escrita e o hipertexto, o saber formal do educador e o suposto não saber do aluno. Será que a linguagem se esgota na escrita padrão, principal preocupação do ensino formal? O desafio do diálogo está lançado aos educadores da linguagem no nosso tempo, considerando que é nessa atividade linguística que o outro encontra a sua própria autonomia, que se mira no direito de opinar, uma premissa para que a linguagem seja um ato de liberdade.

Palavras-chave: Internet. Linguagem. Produção escrita dos sujeitos.

1 As linguagens da vida: uma introdução

O século XXI entra em cena com recursos tecnológicos tão poderosos que despertam cada vez mais novas experiências nos mais diversos segmentos da sociedade contemporânea, sobretudo o da juventude. Entendo que o educador do mundo contemporâneo deva estar sintonizado com a pedagogia dos tempos tecnológicos que exige a leitura das diferentes linguagens que estão postas no mundo, o que me remete à epígrafe

¹ Professor Adjunto do Departamento de Ciências da Educação, Núcleo de Ciências Humanas da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Campus Porto Velho; atua na Graduação e nas Licenciaturas Plenas; docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEE/MEPE/UNIR). Coordenador Adjunto do Programa de Formação Continuada intitulado Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio: MEC/UNIR/SEDUC/RO. Doutor em Educação (2012) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ; Mestre em Educação (2007) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ; graduado em Letras (2003) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

deste estudo². Charlot (2000) acena que a relação com o saber é uma aliança com sistemas simbólicos, notadamente, com a linguagem. Nessa acepção, esses aparatos da informação e comunicação vêm implementando um novo diálogo com o processo ensino-aprendizagem, permitindo, assim, que a Educação se identifique com um tempo cada vez mais digital.

Habitados com o universo digital, cada vez mais os sujeitos vinham trazendo para a escrita na escola “ecos” de uma linguagem típica da internet, cheia de signos, símbolos, abreviaturas etc. Essa transposição, muitas vezes me causava um estranhamento no universo escolar, calcado numa perspectiva de trabalho com a língua a partir da sua normatividade. Será que a língua normativa da escola é a única no mundo?

Minha atenção para o chamado *internetês* foi despertada, há algum tempo, na prática do curso de Língua Portuguesa no Ensino Médio/Técnico em uma escola pública do Rio de Janeiro, mais especificamente no Instituto Federal do Rio de Janeiro, campus Rio de Janeiro. Percebia a utilização constante dessa nova manifestação linguística nas composições e demais atividades em sala de aula. Esse discurso escrito é formado por uma série de elementos ora do mundo virtual, ora da gramática normativa, instituindo um mosaico linguístico. Nesse palco de vozes inconclusas, percebia que os sujeitos articulavam os domínios das linguagens imbuídos de subjetividade.

Este artigo procura refletir sobre a minha experiência de um educador de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Educação Básica, com os sujeitos de uma turma do Ensino Técnico/Médio no curso de Biotecnologia, sujeitos que ingressaram na instituição no último concurso de acesso ao IFRJ, realizado em 2005. As escritas desses educandos, imbuídas dos ecos linguísticos da internet, chamaram a atenção deste pesquisador: “...as máquinas *teem* grandes utilidades pra *nois*”; “...você tá falando e *neim* sabe”; “...ele *naum* vai fazer uma prova pra *vc*”; “...ele faz *atraveis* das teclas do computador e *vc neim* percebe”; “...mas é *tb* importante para *nois* a informação”; “...as pessoas *naum pensaum* e *naum* criam”, motivando-me a uma reflexão sobre a língua.

Entendo que pensar o universo virtual é olharmos os instrumentos, as ferramentas utilizadas pelos estudantes ora na escola, ora fora dela, na *lan house*, ora na sua residência.

² Trata-se de um mergulho na minha dissertação de Mestrado intitulada “Vozes inconclusas: mosaicos linguísticos presentes na sala de aula e na vida” defendida no Programa de Pós-graduação em Educação, ProPEd, UERJ, em 2007, sob orientação da professora Dr^a Rita Ribes.

Assim, os meus olhos percebiam a invasão do cotidiano pela internet com os sites especializados, *blogs*, *flogs*, *orkut* e *softwares* educativos, obrigando-me a repensar a relação histórica entre oralidade, textos, escrita e imagem.

Ora, as práticas de linguagem são atos sociais que, fazendo uso de diferentes discursos, além de significarem e comunicarem, demarcam (KRISTEVA, 1988). Portanto, se apresentam como lugar de múltiplas contradições: arbitrariedade e flexibilidade (LYONS, 1987); significantes antigos e significados novos (FIORIN, 2003); tensão entre paráfrase e polissemia (ORLANDI, 1987).

Para Bakhtin (1992), a língua não é algo imóvel, morto ou petrificado da vida social, mas move-se continuamente, de modo que seu desenvolvimento segue a vida social. Por sua vez, Freitas (2005, p. 99) enfatiza: “Nas vicissitudes das palavras encontram-se as vicissitudes da sociedade dos seus usuários”.

Isso posto, é possível conjecturar diferentes questionamentos na tentativa de ajudar a refletir sobre este tema. Será que criar novos signos, na linguagem, é produzir pensamento na escola? Em que medidas esta linguagem pode significar fruição e conhecimento? Muito mais do que respostas, a minha expectativa é de suscitar questionamentos que nos levem a repensar sobre esse fato linguístico, contribuindo, assim, à reflexão da linguagem no mundo contemporâneo.

2 Na ponta da língua: reflexões sobre a linguagem

As possibilidades de uso da rede de computadores interligados como ferramenta educacional estão crescendo, mas os limites dessa expansão são desconhecidos. Cada dia, surgem novas maneiras de usar esse recurso tecnológico para enriquecer e favorecer o processo ensino-aprendizagem. As novas tendências de uso do computador, na Educação, mostram que ele pode ser um importante aliado neste tempo das tecnologias. Nesse novo relacionamento, observam-se novos diálogos e, portanto, novas linguagens.

Quando surgiu, a linguagem típica dos jovens na internet – em que *aqui* vira *aki*; *não*, *naum*; *beleza*, *blz* - parecia estar restrita aos *chats*, *blogs* e *msns*. O uso do “internetês”, no entanto, começou a influenciar a escrita nas salas de aula. Mas o que é a

linguagem para Bakhtin? Para ele, a linguagem é uma prática social que tem na língua a sua realidade material. E o que é a língua? Ela é entendida não como um sistema abstrato de formas linguísticas à parte da atividade do falante, mas como um “processo de evolução ininterrupto, constituído pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação, que é a sua verdadeira substância” (BAKHTIN, 1997, p.128). O autor russo valoriza a fala, que não é individual, senão social e está estreitamente ligada à enunciação, já que o momento da enunciação, instaurando a intersubjetividade, suscita também a interação.

Com a chegada de um espaço virtual no qual os jovens usuários estabelecem suas interações, criando novos traços de comunicação, defendo uma natureza social e não individual da linguagem; nesse sentido, os estudos de Bakhtin (1997) situam a realidade material, ou seja, a língua, bem como aos indivíduos que a usam, em um contexto sócio-histórico. O autor russo entende que o signo linguístico tem, pois, uma pluralência social que se refere ao seu valor contextual.

O fato de diferentes grupos sociais empregarem o mesmo sistema de linguagens proporciona um manifesto das palavras com valores ideológicos contraditórios, tendo o seu sentido firmado pelo contexto em que ocorrem. O sentido se evoca a partir da situação social: “a vida da palavra, sua passagem de um locutor a outro, de um contexto a outro, de uma coletividade social, de uma geração a outra” (BAKHTIN, 1997, p. 263).

O que é ligada à pluralência nos estudos do signo bakhtiniano é a mutabilidade; o que vem a ser esta característica linguística? Uma vez que como reflexo das condições do meio social, a palavra é sensível às transformações na estrutura social, registrando todas as mudanças. As palavras permanecem ligadas às relações sociais e são tecidas a partir de uma infinidade de fios ideológicos, portanto, serão sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais (BAKHTIN, 1992).

Entendo que o autor russo sugere que o fundamento de toda a linguagem é o dialogismo, essa relação com o outro. Mas de que diálogo estamos falando? Do diálogo com a vida social e cultural do homem; o enunciado do outro é um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um mosaico de opiniões e visões de mundo. Nessa relação dialógica que é o discurso, são instituídos sentidos que não são os precursores do momento da

enunciação, mas que fazem parte de um processo contínuo de movimento; é possível pensar, portanto, que o indivíduo não é a origem do seu dizer.

Estes sujeitos se utilizam da linguagem para se manifestarem; é nesse contexto que o linguista Fiorin (2003, p. 65) explica: “A linguagem autoriza toda sorte de alterações de significados, de violações semânticas, quando se ultrapassam as fronteiras estabelecidas entre o animado e o inanimado, o humano e o não-humano, o concreto e o abstrato etc.”

Para conceituar a linguagem, o linguista americano Lyons (1987) afirma que ela aplica-se não apenas ao inglês, espanhol, francês, malaio etc. – ou seja, ao que todos concordariam em chamar adequadamente de línguas naturais – mas a uma série de outros sistemas de comunicação, notação ou cálculo, sobre o qual se possa discutir. Para exemplificar, ele enfatiza que matemáticos, engenheiros e lógicos frequentemente elaboram, por motivos específicos, sistemas de notação, legítima ou ilegitimamente chamados de linguagens que ele denomina *artificiais* e não *naturais*.

Lyons (1987) nos explica que há outros sistemas de comunicação, tanto humanos como não humanos, que são *naturais* ao invés de *artificiais*, mas que não parecem ser linguagens no sentido estrito do termo, embora a palavra *linguagem* seja normalmente utilizada, para fazer referência a eles. Vejamos, por exemplo, as expressões “linguagem de sinalização”, “linguagem corporal”, ou a “linguagem das abelhas”. A maioria diria que aqui a palavra “linguagem” está sendo utilizada metaforicamente, ou no sentido figurado. Assim, a linguagem também é utilizada no seu sentido mais amplo, para se articular aos vários sistemas de comunicação.

Ele também nos ajuda a pensar que “algumas das propriedades mais marcantes das línguas naturais são: a arbitrariedade, a flexibilidade e a capacidade de modificação, independência de estímulo e dependência estrutural” (LYONS, 1987, p. 189). Nessa acepção, a linguagem da internet se mantém viva no processo de comunicação e expressão do mundo contemporâneo, sendo parte constitutiva da cultura desta sociedade, reformulando-se e mantendo-se sempre em movimento.

Para Fiorin (2003), a atividade linguística é uma atividade simbólica, o que significa que as palavras criam conceitos nos quais ordenam a realidade, categorizam o mundo. O por do sol é um exemplo disso. Sabemos que, do ponto de vista científico, não existe por do

sol, uma vez que a Terra é que gira em torno do sol. No entanto, esse conceito criado pela língua determina uma realidade que encanta a todos nós: “Eu quero ver o pôr-do-sol, lindo como ele só, e gente pra ver e viajar, no seu mar de raios”³. Uma nova realidade, uma nova invenção, uma nova ideia exigem novas palavras, mas é sua denominação que lhes confere existência.

Outro exemplo pode ser apresentado, a saber: apagar algo no computador é uma atividade diferente de apagar o que foi escrito a lápis, à máquina ou à caneta, por isso surge uma nova palavra para designar essa nova realidade, deletar: “Ela apareceu na minha tela e sem me pedir licença invadiu a minha *home-page*, ela deletou minha memória e computou um milhão de dados bem na minha *home-page*”⁴. No entanto, se essa palavra não existisse, não se perceberia a atividade de apagar no computador como algo diferente. Nessa acepção, Fiorin (2003, p. 56) afirma que “as palavras formam um sistema autônomo que independe do que elas nomeiam, o que significa que cada língua pode categorizar o mundo de forma diversa”. É nesse sentido que entendo a utilização das novas formas linguísticas na internet, para que elas possam compor um conjunto de palavras que juntas revelam as novas formas de expressão do universo virtual, com signos arbitrários e inovadores intensificando um ritmo próprio para aquele universo virtual.

A explosão das novas tecnologias (de informação, de entretenimento, comunicação e do lazer) tem proporcionado um grande debate sobre os efeitos das mesmas para o homem pós-moderno. Esse debate, do qual fazem parte Lévy (1993), Morin (2003), Barreto (1997), Freitas (2005), é marcado por três visões: a dos cidadãos tecnófilos, a dos intermediários e a dos tecnófobos.

Os primeiros fazendo uma apologia total às novas tecnologias, são os otimistas sem restrições; para eles essas tecnologias são revolucionárias, porque possibilitam aos sujeitos imaginarem novos caminhos que jamais foram considerados, permitindo que os mesmos vivenciem e façam trabalhos novos de uma forma melhor e mais rápida. Sob essa ótica, as novas tecnologias são ferramentas que estão à disposição dos usuários para maximizar suas performances.

³ Música *Lilás* de Djavan

⁴ Música *Cyber Love* de Vinny

Os intermediários ratificam uma leitura crítica, contudo permissiva; é o que afirma Freitas (2005) diante do novo que nos circunda e se projeta num futuro cada vez mais rápido e mais próximo, precisando adotar uma perspectiva aberta e positiva:

Não se trata de uma postura ingênua e acrítica de passivos consumidores, mas frente aos atuais computadores, processadores de textos e canais eletrônicos de comunicação, como a Internet, precisamos nos colocar numa atitude de busca de conhecimento que leva à compreensão de suas possibilidades (FREITAS, 2005, p.15).

Os tecnóforos são os pessimistas tecnológicos de plantão; para eles o avanço tecnológico é de cunho elitista, conservador e autoritário. Com sua concepção determinista sobre as novas tecnologias, eles as veem como um exacerbado poder demolidor das formas culturais existentes. A visão dos pessimistas nega a questão técnica como possibilidade para a mudança social, e a afirma como desumanizadora, nos tornando pouco mais que objetos. Para eles, a instrumentalização do homem e da sociedade é um destino do qual não se pode fugir. Poderíamos pensar, então, que as novas tecnologias constituem-se num novo tipo de sistema cultural, cuja expansão dinâmica invade e controla autoritariamente todas as formas da vida social. Essa visão está ganhando força no momento atual, sobretudo quando os perigos da tecnociência tornam-se mais evidentes.

O campo das novas tecnologias é, como diz Lévy (1999, p.29), “Um campo aberto, conflituoso e parcialmente indeterminado, no qual nada está decidido a priori”. Nesse campo, não há imutabilidade, mas constantemente novas conexões imprevisíveis, por isso, o educador precisa ir mais longe, não pode ficar preso a um ponto de vista, mas sim, abrir-se a possíveis metamorfoses.

Se somos sujeitos ativos nesse processo, podemos e devemos intervir nas inovações técnicas, reconfigurando-as, para que sirvam aos interesses de emancipação e bem estar humano, embora tenhamos que reconhecer que este é o desafio mais difícil, que, portanto, não deve deixar de fazer parte de nossos objetivos educacionais.

3 Propósitos comunicativos: mas o que são os textos?

Em pleno século XXI, após várias descobertas científicas e com o advento de novas tecnologias, o professor se vê diante da seguinte questão: O que é texto, afinal? Conceituar texto, talvez, não seja uma tarefa das mais fáceis; pode-se afirmar que o texto não é apenas uma unidade dotada de aspectos discursivos, semânticos e formais; trata-se de um processo de interação entre autor e leitor. Dellísola (2001) ajuda a pensar que o texto não possui um sentido único e, tal como a leitura, é uma produção e não um produto, além disso, o texto possui propriedades fundamentais como coerência, coesão, informatividade, intertextualidade, aceitabilidade e intencionalidade, para que possa exercer sua principal função: a comunicação.

A partir desse conceito, pode-se incluir toda manifestação de comunicação verbal ou não verbal, oral ou escrita, fazendo parte desse amplo conceito de texto o *chat*, o *e-mail*, o hipertexto, os classificadores, o resumo de novela, a lista telefônica, o quadrinho, o telejornal etc., e o leitor, peça importante no processo, fará escolhas de textos de acordo com o objetivo pretendido.

Nos diálogos *on-line*, os *chats*, no texto digitado pelos participantes, com toda uma gama de símbolos, abreviações, há uma certa informalidade e um quase que total rompimento da escrita padrão, tornando-os muito próximos do texto oral. Parece-me que as abreviações e sinais são feitos para, de alguma forma, assinalar a prosódia. Acredito que as novas tecnologias que surgiram, de certo modo, vem nos atentando sobre a necessidade de se repensar a língua falada. Uma discussão sobre qual seria a importância da língua falada para a aquisição da língua escrita poderia ser um bom exercício de reflexão linguística para o professor nos diversos segmentos escolares.

Assim, como educador penso: como lidar com isso? De que maneira cercar a escrita dos jovens e adolescentes na sala de aula do domínio dos signos linguísticos do espaço virtual? Qual o papel do educador de Língua Portuguesa neste cenário? Eis algumas questões para o professor do tempo das tecnologias repensar e reconsiderar.

A partir do computador e da internet, o mundo tornou-se uma janela (*windows*) ou pode ser visto de uma janela, dependendo do ponto de vista de quem o olha. Abre-se uma janela e encontra-se outra janela e depois outra e ainda outra. O mundo é a janela que se abre por meio da qual podemos ver um mundo de cores, de imagens, de sons e de textos,

visitar museus, ver quadros famosos ou não, ler jornais, revistas, enciclopédias, propagandas e trocar ideias e bater papo, escrevendo do jeito que falamos, como se estivéssemos num lugar qualquer com os amigos.

Nos diálogos *on-line*, os *chats*, o texto digitado pelos participantes, com toda uma gama de símbolos, abreviações, e até a Netiqueta citada em Coscarelli (1999, p. 36) como "regras de etiqueta, especiais para cobrir situações que surgem quando as pessoas se comunicam por meio de uma rede", há uma certa informalidade e um quase que total rompimento da escrita padrão que os torna muito próximos do texto oral. Parece-me que as abreviações e sinais são feitos para, de alguma forma, assinalar a prosódia. Acredito que essas novas tecnologias que surgiram, de certo modo, vem nos atentando sobre a necessidade de se repensar a língua falada. Uma discussão sobre qual seria a importância da língua falada para a aquisição da língua escrita poderia ser um bom exercício de reflexão linguística para o professor nos diversos segmentos escolares.

Outros temas poderiam ser estudados pelo professor, uma vez que, a partir dele poderá acontecer a revolução escolar advinda da era da informática. Aqui destaco um pensamento de Azeredo (2002):

O hipertexto acarretará redefinições curriculares, revisão e identificação de fontes e estabelecimento de um corpo de conhecimentos que possibilite a ordenação do fragmentário. Exigirá a solução dos problemas relativos à noção de relevância e, não por último, teremos que rever nossos sistemas de classificação e ligação de conhecimentos (AZEREDO, 2002, p.108).

Quando o professor for capaz de se ver como personagem desse novo mundo, quem sabe, ele possa ter mais familiaridade com os novos gêneros de textos que estão surgindo; assim, ele poderá levar o aluno a estabelecer novas relações com leitura e escrita. A união de novas tecnologias e da escola talvez se torne possível a partir do conhecimento que o professor tiver delas.

Nessa busca por uma utilização apropriada da nossa linguagem, entendo ser cativante buscar dados na história da escrita, para melhor compreendê-la. O passado dialogando com o presente, para se articular com o futuro.

4 Na trilha dos dispositivos tecnológicos contemporâneos

A evolução da sociedade, nas últimas décadas, tem sido tão vertiginosa em todos os setores, que se torna um desafio acompanhá-la, estar a par de tudo que se passa a nossa volta. Contudo, não acompanhar esse ritmo, talvez, signifique ficar desconectado das informações mais recentes e surpreendentes.

A língua, espelho da cultura, reflete essa busca desenfreada pela novidade, evoluindo incansavelmente, introduzindo novos termos linguísticos, que ora são desconhecidos, para posteriormente, poderem fazer parte do novo léxico na língua portuguesa. Mas por que se formam novas palavras?

A resposta para essa pergunta está relacionada a três fatores: as exigências do sistema linguístico, a influência do falante e ao papel das funções semânticas. Assim, podemos refletir sobre as três funções na formação de palavras (BASÍLIO, 1989): função de mudança categorial (por exigência do sistema linguístico); função expressiva de avaliação (por influência do falante) e função de rotulação (relacionada com o aspecto semântico).

Quando se formam novas palavras? Novos itens lexicais são formados a todo momento na Língua Portuguesa, nas suas mais diversas modalidades: coloquial, culta, literária, técnica, científica, de propaganda etc. Esse movimento da linguagem propicia um diálogo entre locutores e seus interlocutores, anunciando uma nova proposta de comunicação a cada cenário que se faz presente no mundo. Nessa acepção, retomo Bakhtin (1988) para enfatizar a relação dos sujeitos com a língua, relação esta que determina a enunciação e marca a presença da subjetividade no discurso.

Tentar traduzir o “internetês” trazido pelos alunos e convidá-los a que me apresentassem uma *lan house*, foram meus primeiros sinais de abertura ao estranhamento; uma proposta metodológica que precisou de uma ajuda de um dicionário e dos próprios estudantes. Daí nasceu o desejo de conhecer as produções escritas dos alunos na sua vida social, tanto para melhor conhecê-los, quanto para poder compreender as transformações da linguagem, vista como produção humana.

Fui convidado a participar do *Orkut* de uma turma de alunos. É uma comunidade virtual que preza a amizade, mensagens de bom humor, sugestões de restaurantes e parques, avisos de provas agendadas, comentários do período de greve. Esses alunos/membros

também pertencem a outras comunidades: “o Pedro fala muito”; “Bean, impossível não rir”; “Luiza, impossível não gostar”; “Eu amo a Erikita”; “Gabriel, sem comparação”; “Camila, tu eh demais”.

Para se apresentarem em suas páginas, escolhem a sua melhor foto, tirada recentemente e registram nos seus perfis um pouco do que gostariam de falar sobre eles mesmos. Entre fotos e palavras, sua história e seus desejos ganham forma. Uma aluna, por exemplo, escreve que se pudesse prever o futuro, gostaria de saber qual é o destino daqueles que fazem acreditar que são confiáveis, amigos e sinceros, mas acabam decepcionando. Ela gostaria de entender o que está mudando nela e o motivo desta mudança. A aluna registra suas paixões na vida (família, amigos); seu livro preferido (O Código da Vinci), sua melhor música (*Strani Amori*) e cinema (Um amor para recordar). Muitas vezes, é nesse espaço público e virtual que ganham visibilidade questões invisíveis à família e à escola.

5 Práticas de escrita: estimulando a produção de textos

Enquanto aceitava o desafio de adentrar nesse universo virtual em que os alunos se sentem tão à vontade, desafiava cada sujeito a criar composições em que precisava se expressar usando a linguagem verbal e a não verbal. Curiosamente, a riqueza dos textos e o domínio da norma culta eram enfrentados com a mesma propriedade com que faziam charges, colagens, desenhos etc.

É interessante pensar uma relação com a linguagem; os propósitos comunicativos são a base para determinar os gêneros, ou seja, os gêneros se identificam à base do uso e da necessidade comunicativa. Mas o que isso significa? Podemos dialogar com Bakhtin (1992, p. 86) quando o mesmo insistia no caráter comunicativo dos gêneros: “Os gêneros do discurso organizam nossa linguagem da mesma maneira que as formas gramaticais”. A gramática organiza as sentenças, contudo a competência linguística dos falantes deve ser considerada; Bakhtin (1992, p.189) ratifica o caráter coletivo e social dos gêneros: “cada época e cada grupo social tem o seu repertório de formas de discurso na comunicação socioideológica”.

Os propósitos comunicativos determinam os gêneros e estes dão forma aos textos; as intenções e as motivações daquele que escreve tomam forma linguística nos discursos. Compreendo que são os acontecimentos sociais que dão vida aos propósitos da comunicação, e estes, ocorrem em determinadas situações verificadas no cotidiano e se realizam através das marcas linguísticas que nos revelam a idiossincrasia, isto é, uma maneira do autor enxergar o mundo. Logo, podemos pensar que texto é como um conjunto de enunciados linguísticos, organizados seletivamente em função do gênero a que pertence.

A atividade proposta consistia em apresentar a mesma temática da prova que haviam feito para a admissão ao curso, a saber, a internet, usando a linguagem verbal e a não verbal e foi utilizada com o objetivo de dialogar com outro texto escrito desenvolvido anteriormente. Essa atividade, de certo modo, desafiava cada sujeito a um uso mais amplo da linguagem para aquela ocasião.

6 Análises linguísticas dos discursos produzidos sobre a internet na sala de aula

Se vivemos num tempo e na história, assim texto e interpretação não surgem do nada; estão inscritos num determinado momento histórico. Também, lemos a partir de diferentes bagagens culturais; cada um de nós, portanto, constrói o seu texto, dando-lhe significado. A leitura não é um processo neutro; entendo que os mais variados textos possuem lacunas e silêncios que são preenchidos pelos leitores. Qualquer enunciado está vinculado a uma vertente social, cultural e ideológica.

Na mesma linha de raciocínio para Bakhtin (1988), qualquer texto comunica e cria outros significados; para ele, o texto possui uma dupla função: unívoca e dialógica. Na maioria dos casos, uma ou outra função é predominante; quando a ênfase principal está na transmissão precisa de informações, predomina a função unívoca. A segunda função do texto é a de criar significados, pois, “um texto não é um receptáculo passivo ou suporte de conteúdos que vieram do nada para o seu interior” (BAKHTIN, 1988, p.198).

A ênfase na função unívoca, isto é, na transmissão de informações, está associada a uma voz que transmite informações para outra voz que as recebe. Nos textos organizados em torno da função unívoca, há pouco espaço para que a voz receptora questione; já quando

os textos se baseiam na função dialógica, cada voz participará da criação e negociação de significados. Assim, a própria natureza da linguagem é dialógica, o que significa perceber que o ato de fala, de escrita ou de leitura realizado em sala de aula, entre educadores e alunos, implica um diálogo, uma interação entre experiências culturais e linguísticas diferenciadas. Tanto a fala, quanto a leitura e a escrita são instâncias carregadas de significados em determinados lugares, recobertos de história (BAKHTIN,1992).

Entendo que um texto dialoga com outros já existentes, apontando para a noção de intertextualidade, isto é, um texto tem relação com textos anteriores e aponta para textos futuros. Por outro lado, as lacunas de um texto incluem a noção de implícito, que abrange inúmeros subentendidos. Assim compreendido, o texto não é lugar de interpretação definitiva, mas é processo de construção de significados. Do ponto de vista das condições de produção, um texto é indeterminado, ou em outras palavras, possibilita múltiplas leituras; nessa acepção, ao confrontarem-se a indeterminação do texto e a determinação do contexto, é possível observar novas leituras.

O meu olhar não foi esgotar as análises dos discursos cujo tema foi a internet, contudo tentar compreender que a leitura/escrita na sala de aula estimula autores/leitores um diálogo com a vida, desenvolvendo em seus textos os seus próprios estilos.

Considerando o foco narrativo nos discursos, observei que nos diversos textos, todos em prosa, os autores preferiram usar a 3ª pessoa do discurso, isto é, opinaram sobre o universo virtual sem se identificarem nos enunciados, ou seja, firmando uma posição parcial diante do tema proposto⁵: “O mundo virtual oferece inúmeras vantagens: você faz compras e obtém resultados de exames médicos sem sair de casa, diminui o valor da conta telefônica e se atualiza constantemente.”

Observei também discursos utilizados em 1ª pessoa nos textos, que me remeteu à compreensão de uma imparcialidade diante das ideias e argumentos: “Queria deixar bem claro que aqui não critico a praticidade; critico a escravidão que nos provoca, e, principalmente, a falta de discernimento por parte do usuário que não sabe definir o tempo e o lugar do real e do virtual”.

⁵ Optei neste texto em não anunciar os estudantes autores.

Numa análise criteriosa na ortografia, foram observados raríssimos desvios, fortalecendo a ideia de que a grafia correta das palavras e os sinais de pontuação são fundamentais numa produção de texto para o nosso interlocutor.

Não posso deixar de destacar a coesão e a coerência tecidas nos mais diversos enunciados, enfatizando a articulação textual que, na elaboração dos discursos, deve ser alcançada por meio de palavras e expressões que, na língua, têm como função justamente o estabelecimento de referências e relações entre grupos de palavras e expressões: o controle dos nós linguísticos, a saber, a coesão referencial, sequencial e lexical; uma preocupação com as relações de sentido no texto: “A internet é uma moeda: tem duas faces. Assim, ela possui o seu lado bom e o seu lado ruim; se for utilizada de uma maneira inteligente, esta ferramenta poderá ajudar o homem na sua constante evolução”.

Na articulação sintática dos discursos, encontramos poucos desvios de linguagem. A Língua Portuguesa faz uso de mecanismos de concordâncias nominais e verbais para marcar formalmente as relações de determinação ou dependência morfossintática existentes entre os constituintes dos sintagmas nominais e verbais, isto é, articular as hierarquias linguísticas nas sentenças: “Devemos usar com moderação o mundo virtual, porque tudo sem limite vira doença”.

Assim, entendo que, talvez, não seja possível isolar os atos de comunicação; eles estão interligados a uma cadeia que tem significado efêmero; dependendo de um dado histórico, político, econômico ou cultural, pode tomar outras significações; o sujeito é o personagem principal dessas possíveis transformações que reescrevem as escritas que venham surgir no mundo real ou virtual.

7 De olho na língua viva: considerações finais

Muitas discussões, no campo linguístico, vêm se travando, mobilizando profissionais e pesquisadores da linguagem com a chegada da internet na vida e na escola. As inovações tecnológicas geraram novos meios de comunicação desmistificando a linguagem. Longe de desvalorizar o discurso escrito, os computadores incrementaram métodos e práticas tecnológicas que intensificaram novas maneiras de se comunicar. Talvez, a era da

informática veio tornar ainda mais importante que anteriormente a capacidade de ler e escrever, entendendo-se por ler, decifrar, entender, analisar, interpretar textos, e, por escrever, produzir textos de diferentes gêneros para a comunicação em diferentes esferas de atividade. Assim, entendemos que as ferramentas tecnológicas quem sabe tenham aperfeiçoado a arte da leitura e escrita.

Ler e escrever constituem, pois, quem sabe, um ponto importante de atuação a que pode atingir um ser humano em uma sociedade organizada. Assim, o ato de leitura e escrita se tornou uma grande força dos homens que buscam a solidariedade, compreensão, tolerância e responsabilidade, mas também para aqueles que alimentam as desigualdades sociais. Por isso, a importância de se refletir sobre a leitura e a escrita como modos de comunicação, como formas de agir no mundo.

A preocupação em falar e escrever bem está diretamente ligada à gramática normativa que tão somente reconhece o uso e a autoridade dos escritores corretos, dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos. Bechara (2001, p. 52) nos auxilia para explicar essa gramática: “Cabe à gramática normativa, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.” Nesta acepção, entendemos estar presente, no ambiente escolar, a predominância da escrita normativa, embora o educador trabalhe com os mais variados gêneros discursivos na sala de aula, para que os alunos dominem os diversos tipos de textos. Cabe à escola, portanto, propiciar aos alunos o domínio dos gêneros para que eles possam usá-los com desembaraço em todos os momentos de suas vidas.

Vale destacar que nas origens dos estudos linguísticos, os modelos da teoria da informação apresentados são essencialmente lineares, ou seja, tratam da transmissão da mensagem de um emissor a um receptor, sem ocupar-se da reciprocidade ou da circularidade característica da comunicação humana, ou seja, da possibilidade que tem o receptor de tornar-se emissor e de “realimentar” a comunicação, ou do alargamento e complexidade da comunicação que pode, por exemplo, dirigir-se a um destinatário, mas visando ao outro. Assim, Fiorin (2003, p.42) afirma: “Neste sistema interacional importam

não apenas os efeitos da comunicação sobre o receptor, como também os efeitos que a reação do receptor produz sobre o emissor”.

Nesse sentido, entendemos que, com o advento da tecnologia, sobretudo com a internet, faz necessária uma reflexão sobre a produção das narrativas na sala de aula. Sem a pretensão de criticar, aqui, o trabalho que a escola desenvolve, para exercitar os gêneros discursivos, este texto nos ajuda a repensar de que maneira podemos entender e por em prática a linguagem no mundo contemporâneo.

A informática, em especial, como outros avanços tecnológicos, está nos obrigando a uma nova alfabetização. Esse assunto é da Educação e, portanto, precisamos dele para ler os dados específicos, mas principalmente para termos uma nova leitura do mundo. Mesmo com a existência de mecanismos outros de divulgação (LOPES, 1999, p. 92), como as redes de computadores, tipo internet, a possibilidade de socialização do conhecimento ainda enfrenta enormes obstáculos: “Não basta a existência de acesso às informações, mas a socialização de todos esses meios, o que exige condições de trabalho e de estudo adequadas e possibilidade de processamento dessas informações”. Assim, entendemos que a formação continuada dos professores é de suma importância, para se manter um educador comprometido.

Retomamos Paulo Freire (2005), para não nos esquecermos de que há uma realidade de exclusão digital no Brasil, portanto não devemos ignorar essa realidade brasileira que ainda se faz presente nesse tempo contemporâneo. Num tempo de novas linguagens, entendemos que é mister aproximar tanto o educador quanto o educando dessas novas ferramentas tecnológicas.

A exclusão, entretanto, não se refere apenas ao não acesso aos aparatos tecnológicos. Ela perpassa as relações sociais e as maneiras como o outro pode se tornar visível ou invisível nessa relação, os modos como ele se torna presente ou ausente nos nossos discursos, na materialidade da linguagem, como diz Bakhtin.

Este estudo sistematiza um esforço de lidar com a diversidade das vozes numa arena marcada por contradições: a normatividade da língua e a língua viva do cotidiano; a linearidade da escrita e o hipertexto; o saber formal do educador e o suposto não saber do

seu aluno. Assumir essas contradições como reflexão mostrou-se como possibilidade de transformar minha prática educativa em questão de minha pesquisa acadêmica.

Neste palco de vozes inconclusas, a pesquisa nasceu e se desenvolveu. Assim, o pesquisador é aquele que não sabe, ele vai buscar o que não conhece para dialogar e conhecer o outro. Nessa direção, o que se percebe são constituições subjetivas surpreendentes, explicitando um conhecimento que esses sujeitos têm que devem ser considerados, sobretudo num tempo de comunicação e tecnologias.

Assim, percebi que, nesse palco, encontram-se vozes surpreendentes que clamam por um interlocutor conectado ao seu tempo, difundem um extraordinário elenco de signos e expressões do universo tecnológico, anunciam uma linguagem que está fora dos limites do papel na sala de aula, estimulam as variações linguísticas da época contemporânea e desejam um mundo cujas palavras sejam as suas armas e a língua a sua força.

Um grande desafio está lançado a todos os educadores que lidam com jovens e adolescentes no mundo contemporâneo: o desafio do diálogo. Talvez, nos aproximarmos deles seja um grande rumo a ser seguido; ouvi-los e os termos como interlocutores, suscite um pacto de companheirismo que nos aproxima deste grande movimento chamado língua.

É nessa atividade linguística que o ser humano encontra a sua própria autonomia, que se mira no direito de pensar, de aprender, de ensinar, de conceber, de opinar, de sentir, de sonhar; uma premissa para que a linguagem seja, portanto, um ato de liberdade.

Between the internet and the classroom: written practices in school

Abstract

In this article I seek to understand the new language trends and their records triggered by digital culture, analyzing developments in the writing practices produced in the school context. Thus brings to the debate the texts of the average level of technical education students at the Federal Institute of Rio de Janeiro, in order to discuss the formal teaching of the language in the face of technological transformations of the contemporary world. A linguistic arena marked by contradictions, this study shows the normativity of language and live everyday language; the linearity of writing and hypertext; the formal knowledge of the educator and the supposed not know the student. Does the language is limited to the standard writing, the main concern of formal education? Dialogue of the challenge is launched to language educators in our time, considering that this is linguistic activity than the other finds its own autonomy, that targets the right to opine, a premise that language is an act of freedom.

Keywords: Internet; language; written production of the subjects.

Entre la internet y el aula: prácticas de escritos en la escuela

Resumen

En este artículo trato de entender las nuevas tendencias del lenguaje y sus registros provocadas por la cultura digital, el análisis de la evolución de las prácticas de escritura que se producen en el contexto escolar. Por lo tanto trae al debate los textos del nivel promedio de los estudiantes de educación técnica en el Instituto Federal de Río de Janeiro, con el fin de discutir la enseñanza formal de la lengua en la cara de las transformaciones tecnológicas del mundo contemporáneo. Un ámbito lingüístico marcado por contradicciones, este estudio muestra la normatividad de la lengua y vivir el lenguaje cotidiano; la linealidad de la escritura y el hipertexto; el conocimiento formal del educador y la supone no conocer al estudiante. ¿El lenguaje se limita a la escritura estándar, la principal preocupación de la educación formal? Diálogo del reto se lanzó a los educadores de idiomas en nuestro tiempo, teniendo en cuenta que se trata de la actividad lingüística que el otro encuentra su propia autonomía, que se dirige a la derecha para opinar, una premisa que el lenguaje es un acto de libertad.

Palabras clave: Internet; idioma; producción escrita de los sujetos.

Referências

- AZEREDO, José Carlos de. *Língua portuguesa em debate*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- _____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- _____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARRETO, Raquel Goulart. *Novas tecnologias na escola: uma revolução educacional? Presença Pedagógica*. Belo Horizonte: Dimensão, v. 3, n. 13, 1997.
- BASILIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1989.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- COSCARELLI, C.V. *O uso da informática como instrumento de ensino-aprendizagem*. Belo Horizonte: P. pedagógica, 1999.
- CHARLOT, Bernard. *Da relação com o Saber: Elementos para uma Teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- DELLÍSOLA, Regina Lúcia Péret. *Leitura: inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

- FIORIN, José Luiz. *Introdução à Lingüística. I - Objetos Teóricos*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREITAS, Maria Tereza de Assunção. *Leitura e escrita de adolescentes na internet e escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- FURLANI, Lúcia M. Teixeira. *Autoridade do professor: meta ou mito*. São Paulo: Ed. Cortez, 2004.
- KATO, M. *No mundo da escrita*. São Paulo: Ática, 1987.
- KLEIMAN, Angela. *Leitura, ensino e pesquisa*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- KRISTEVA, J. *História da Linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- _____. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. *Conhecimento Escolar: Ciência e Cotidiano*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1999.
- LYONS, John. *Linguagem e Lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.
- PIRES, Vera Lúcia (org.). *Bakhtin diálogos inconclusos*. Santa Maria : Pallotti, 2003.
- SOUZA, Solange Jobim(org.). *Mosaico: imagens do conhecimento*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.

Recebido março 2015

Aprovado agosto 2015